

CURSO DE TEOLOGIA PARA LEIGOS – 2018
 ESCATOLOGIA
 Padre Oscar Roberto Chemello

Temas e dúvidas da Escatologia

O que é a morte? O que vem depois da morte? O que entendemos por “alma”?
 Existe alma penada ou abandonada? O que são as almas perdidas do purgatório?
 É permitido acender velas pelos falecidos? Por que se reza missa de sétimo dia?
 É permitido a cremação ?
 O que é o Céu? Onde fica o céu?
 O que é purgatório? Podemos nos arrepender depois de morrer?
 Os mortos nos vêem? Vamos reconhecer os falecidos no céu?
 O que é o inferno? Tem fogo no inferno? Quem está no inferno? O inferno é para sempre?
 Quem criou o inferno?
 Qual a relação entre ressurreição e reencarnação?
 Como será o fim do mundo? Teremos sinais do seu fim?

Introdução

A palavra Escatologia é a composição de dois termos gregos: *escaton*, singular, ou *escata*, no plural e *logos*. *Escaton* quer dizer último, definitivo. Já a palavra no plural significa as realidades últimas.¹ Detém-se sobre a morte, a vida eterna, a vinda de Jesus, o sentido último da existência individual e do mundo à luz da fé cristã. Enquanto disciplina teológica, a escatologia se constrói a partir da Bíblia, a Tradição e as questões atuais da humanidade. Consiste na interpretação cristã do “último e definitivo”, para cada pessoa, para a humanidade e para o mundo. O “último e definitivo” é Jesus Cristo e o Reino de Deus. Somente a partir de seu nascimento, vida, morte e ressurreição pode-se pensar sobre as “realidades últimas”.²

A discussão da escatologia foi tradicionalmente intitulada no passado como: “as coisas últimas”, “*De Novísimos*”. Elas foram elencadas como *De Novísimos* individual: morte, juízo, inferno e paraíso (incluindo o tema do purgatório e o limbo) e *De Novísimos* da história humana: fim do mundo, retorno de Cristo, ressurreição dos mortos, ressurreição da carne, juízo universal.

Murad destaca o superlativo *novísimos* sendo uma novidade grandiosa, uma surpresa que se realizara diferente do que projetamos ou pensamos.³ Os “Novísimos” apresentavam os acontecimentos finais da história humana individual ou coletiva, mas meados do século XIX essa disciplina não influenciava a vida concreta das pessoas. Eram temas para a vida além da história sem perspectiva para o momento presente da vida humana.⁴

¹ MURAD, Afonso; CUNHA, Carlos. Da terra ao Céu, pg. 22.

² MURAD, Afonso; CUNHA, Carlos. Da terra ao Céu, pg. 23.

³ MURAD, Afonso; CUNHA, Carlos. Da terra ao Céu, pg. 22.

⁴ Cf. NOCKE, Franz-Josef. Escatologia, p. 11.

A mudança da teologia ocorre pela nova postura diante da realidade: a preocupação com o futuro da humanidade, com a crescente destruição da natureza, os perigos da bomba atômica, abismo de distância entre ricos e pobres e fracasso dos esforços humanos para melhorar a situação do planeta fizeram resgatar a esperança escatológica com dinamismo da vida futura atuando no hoje da história.

Com a renovação da teológica católica no Concílio Vaticano II há uma nova perspectiva da escatologia elaborada nos manuais teológicos do Concílio de Trento até meados do século XX. Em nossa época, o foco da escatologia está sobre a realização do reino prometido de Deus em toda experiência humana e em toda a criação. A escatologia atual centra-se na vinda do reino de Deus, na sua atuação prática na vida. A escatologia não se preocupa apenas com a vida além-morte, o que está fora da história, embora seja sempre transcendental, mas atua na fé individual e comunitária.⁵

O ensinamento de Jesus foi centrado na instauração do Reino de Deus. Essa categoria possui dois aspectos: o governo de Deus como princípio de ação para a vida individual e para todos os relacionamentos entre as criaturas. A instauração do Reino também possui duas fases: o processo e a consumação. A consumação dos tempos, que não temos imagem clara da sua realização, pode ser vista como continuidade e/ou descontinuidade. Por vezes, esperava-se o fim cataclísmico do mundo para marcar a descontinuidade do mundo vindouro com o mundo presente. Mas também, atualmente, valoriza-se um nível de continuidade, pois o Reino de Deus está entre nós e desenvolve-se até a consumação.⁶

Em Jesus está a salvação e a plenitude dos seres humanos porque Nele recebe o mundo e a história seu sentido e orientação definitiva. Jesus é o acontecimento escatológico. A esperança cristã não possui outro nome que Deus mesmo, o futuro absoluto e definitivo do ser humano.⁷

1 A ressurreição de Jesus: fundamento da escatologia

Fundamentos bíblicos:

Irmãos, na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias das que morreram. Com efeito, por um homem veio a morte e é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todas morrem, assim também em Cristo todas reviverão (1 Cor 15,20-22)

Os documentos do Novo Testamento demonstram a centralidade da ressurreição de Jesus para a fé das primeiras comunidades, que presenciaram a ressurreição e transmitiram o testemunho ocular desse evento para as demais gerações, para que creiam e tenham vida. A ressurreição

⁵ Cf HELLWIG, Monika. Escatologia In: FIORENZA, F. S.; GALVIN, J.P. (Org.). Teologia sistemática: perspectivas católicas, p. 444-445.

⁶ Cf HELLWIG, Monika. Escatologia In: FIORENZA, F. S.; GALVIN, J.P. (Org.). Teologia sistemática: perspectivas católicas, p. 457-460.

⁷ Cf LADARIA, L. F. Introducción a la escatología, p. 168.

de Jesus, como evento histórico e transcendente, que comprova a vitória de Jesus sobre a morte e inaugura no seu corpo ressuscitado a esperança messiânica para a humanidade.⁸

Jesus ressuscitado é o mesmo Jesus encarnado e crucificado, continua com a mesma identidade do tempo em que vivia a realidade da condição humana. Seu corpo glorioso também é uma descontinuidade com seu corpo mortal, porque ressuscita no corpo que não sofre mais os efeitos da morte, do tempo e do espaço. Esse ensinamento serve como critério da corporeidade de Jesus, que permanece respeitada contra pensamentos dualistas de desprezo, sobre a importância da carne para a salvação. Jesus não se tornou um fantasma como os evangelhos deixam claro, mas apareceu corporalmente aos discípulos (*Lc* 24, 39; *Jo* 20, 19-21;).⁹ Esse dado da revelação é fundamental para compreender a condição corporal da nossa ressurreição em Cristo.

A Escritura afirma que Jesus, pela sua ressurreição, torna-se “Primogênito dos mortos”. A promessa da ressurreição, de um mundo melhor, esbarra no momento atual do “bem estar”, da vida feliz aqui. Para quem vive na abundância e no “bem estar”, o apego ao conforto presente, provoca uma descrença de uma promessa de algo melhor.

O ser humano é mortal

A morte pode ser definida como a conclusão da existência histórica de uma pessoa. Com ela findam os processos biológicos fundamentais e as relações sociais do ser humano. Ela atinge todas as pessoas e todo o ser da pessoa. A morte é um dado comum a todos os seres vivos, contudo, somente os humanos são mortais, na medida em que são capazes de se relacionar com sua própria morte.¹⁰ A consciência de nossa mortalidade traz a consciência fragilidade, finitude, transitoriedade. Ela chega como fratura, cisão dolorosa que aciona os mais diversos sentimentos. Com a morte tem-se a negação da realização mais profunda dos desejos humanos, desejos de felicidade e imortalidade.¹¹

O ser humano é a única criatura que tem consciência de sua finitude. Sabe que o viver comporta o morrer. Conhece a passagem do tempo como uma experiência dinâmica que tende ao morrer. A consciência da mortalidade leva a pessoa ao desejo de imortalidade e ao mesmo tempo dos limites e cuidados da fragilidade humana. A morte pode fazer cada momento da vida se tornar único e especial. A morte pode dar sentido para uma vida autêntica ou pode colocar em cheque todo o sentido da vida. Por que viver, trabalhar, planejar se a morte destrói todos os planos humanos.

A morte na perspectiva cristã

⁸Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 638-643. Embora exista uma discussão sobre a historicidade da ressurreição; se ela é fruto da fé dos discípulos ou é geradora dessa fé, o trabalho não pretende entrar nesse tema. Segue o que ensina o catecismo, mostrando que o evento da ressurreição de Jesus é histórico e transcendente.

⁹ Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 645-646.

¹⁰ GEFRÉ, C. Morte: Para uma teologia da morte. In *Dicionário Crítico de Teologia*. p. 1197.

¹¹ VILHENA, Maria Angela. Espiritismos: limiares entre a vida e a morte, pg. 20-21.

O cristianismo, desde o início, negou conceber a morte apenas como algo natural e insuperável. A partir da experiência da fé em Jesus Cristo, o Crucificado Ressuscitado, os cristãos não se intimidam diante da morte e sabem que a ressurreição já destruiu o poder da morte. A concepção antropológica bíblica percebe o ser humano como um todo, não separa corpo e alma. O ser humano é compreendido em sua unidade vital. Em outras palavras, o ser humano é o seu “eu”; este é o centro da pessoa.

A morte na teologia cristã é consequência do pecado conforme nos revela as Escrituras. No Gênesis, Deus adverte sobre as consequências da desobediência aos seus mandatos. A morte surge na vida por causa do pecado humano. “Não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário morrereis” (Gn 3,3); “Porque tu és pó e ao pó voltarás” (Gn 3,19). No livro de Isaías: “É necessário que eu me vá no apogeu de minha vida e de meus dias; para a mansão triste dos mortos descerei” (Is 38,10); no salmo 64 (65) “Toda carne há de voltar para o Senhor, por causa do pecado” (Sl 64,3). Na carta aos Romanos, “Com efeito, a paga do pecado é a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna no Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6,23).

As exéquias

As exéquias são o conjunto de ritos e orações que a Igreja faz, por ocasião da morte de um fiel cristão: desde o momento em que expira até o seu cadáver ser colocado na sepultura ou crematório. O sentido das exéquias se expressa como sua páscoa, passagem da morte para a vida. O cristão morre em Cristo deixa esse mundo para viver com o Senhor. O cristão participa a Páscoa de Jesus e toda a liturgia se fundamenta na Páscoa de Jesus.¹²

A celebração das Exéquias é uma oportunidade especial para os cristãos afirmarem a esperança na vida eterna. Não se trata de uma mera despedida ou uma homenagem ao falecido. O centro desse momento é o mistério pascal de Cristo. A comunidade também intercede por suas orações e preces para que o falecido seja acolhido no Reino de Deus. Reza-se para que todos obtenham o conforto da fé.¹³

Elementos das exéquias¹⁴:

- a) cor litúrgica: preto ou roxo para expressar luto e solidariedade. Para crianças pode-se usar branco.
- b) água benta: aspergir o corpo com água benta lembra o batismo, que é a passagem do pecado para a graça e a entrada na Igreja.
- c) Círio pascal: deve estar próximo do caixão, pois simboliza a Páscoa de Jesus, fundamento de toda a esperança cristã;
- d) bênção do túmulo: o corpo possui valor e dignidade porque foi templo do Espírito Santo, por isso o local que vai ser depositado deve ser santificado.

¹² Ritual de exéquias, nº1.

¹³ Ritual de exéquias, nº 3.

¹⁴ Ritual de exéquias, nº 7.

e) Flores: acredita-se que os justos florescerão no jardim de Deus. Enfeitar os túmulos expressa gratidão e saudades e acima de tudo crer na ressurreição.

f) velas: simbolizam a luz da ressurreição que vence as trevas da morte.

e) nome: o nome deve ser pronunciado diversas vezes. Isso nos remete a dignidade da pessoa humana que é reconhecida por Deus pela nossa identidade.

Orientações sobre a linguagem:

a) Deus quis assim: afirmar que Deus quer o sofrimento e a morte de alguém é desconhecer sua bondade;

b) você tem que ser forte: sentir-se debilitado faz parte do luto;

c) há pessoas pior que você: não se deve comparar experiências de sofrimentos;

d) vamos rezar e tudo vai ficar bom: a oração não é uma mágica que resolve as dores de forma imediata;

e) isto não é nada. Você tem que se ajudar: é preciso respeitar os sentimentos de perda e o processo de cada pessoa.

f) as crianças se tornam estrelinhas ou anjinhos no céu porque Deus se sentia sozinho e precisa desse anjinho. É melhor falecer agora, porque poderia ser um traficante.

Cremação¹⁵

Seguindo a antiga tradição cristã, a Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado. Ao lembrar a morte, sepultura e ressurreição do Senhor, mistério à luz do qual se manifesta o sentido cristão da morte, a inumação é, antes de mais, a forma mais idônea para exprimir a fé e a esperança na ressurreição corporal (n.3)

Enterrando os corpos dos fiéis defuntos, a Igreja confirma a fé na ressurreição da carne, e deseja colocar em relevo a grande dignidade do corpo humano como parte integrante da pessoa da qual o corpo partilha a história. Não pode, por isso, permitir comportamentos e ritos que envolvam concepções errôneas sobre a morte: seja o aniquilamento definitivo da pessoa; seja o momento da sua fusão com a Mãe natureza ou com o universo; seja como uma etapa no processo da reencarnação; seja ainda, como a libertação definitiva da “prisão” do corpo.

A sepultura dos corpos dos fiéis defuntos nos cemitérios ou noutros lugares sagrados favorece a memória e a oração pelos defuntos da parte dos seus familiares e de toda a comunidade cristã, assim como a veneração dos mártires e dos santos. Mediante a sepultura dos corpos nos cemitérios, nas igrejas ou em lugares específicos para tal, a tradição cristã conservou a comunhão entre os vivos e os mortos e opõe-se à tendência a esconder ou privatizar o acontecimento da morte e o significado que ela tem para os cristãos.

¹⁵ Congregação para a doutrina da fé. Publicação na solenidade da Assunção de Maria, 15 de agosto de 2016, sobre a cremação. Papa Francisco.

A conservação das cinzas num lugar sagrado pode contribuir para que não se corra o risco de afastar os defuntos da oração e da recordação dos parentes e da comunidade cristã. Por outro lado, deste modo, se evita a possibilidade de esquecimento ou falta de respeito que podem acontecer, sobretudo depois de passar a primeira geração, ou então cair em práticas inconvenientes ou supersticiosas.

O Céu: Estado de comunhão

Fundamentação Bíblica: Então o rei dirá aos que estiverem à direita: 'vinde, benditos de meu Pai! Recebei por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me acolhestes, estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, no cárcere e viestes a mim'. (Mt 25, 34-36)

Para falar de Céu usamos metáforas bíblicas:

a) Banquete nupcial: esse banquete sintetiza nutrição, convivialidade, alegria, jubileu, beleza, exultação e exaltação. Podemos ler os textos de Mt 8,11: “Muitos do Oriente e do Ocidente virão e compartilharão o banquete com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos Céus”; Lc 12, 37 “Bem aventurados aqueles servos que o senhor encontrar vigiando quando chegar. Eu vos digo, ele mesmo cingirá sua cintura, os fará sentar à mesa e começará a servi-los”.; Ap 19,7-9: “alegremo-nos, exultemos e demos-lhes glória, porque chegaram as núpcias do cordeiro, e a noiva já se preparou. Bem aventurados os que são chamados para a ceia das núpcias do cordeiro”.

b) Visão de Deus: a expressão ver a Deus, mais que um ver-olhando é um ver-contemplando, é um ver –amando. Ver Deus é viver em Deus. Mt 5,8: “os puros verão a Deus”. Santo Agostinho escreve: “Se Deus mesmo nos fizesse essa proposta: ficai com a abundância de todos os bens da terra, e vivei em pleno gozo, não por algum tempo somente, mas para sempre. Porém, não vereis nunca mais o meu rosto. Que coisa responderíeis? O casto temor choraria e diria gemendo: ah! Que me sejam tirados antes todos os bens, mas que eu veja a tua face”.¹⁶

c) Vida eterna: plena e feliz. A vida é dinâmica e progressiva, pois a vida é movimento. A vida eterna é uma eterna nascividade, vida que brota do trono de Deus que vivifica todos os viventes. Ap 22,1: “então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do cordeiro”.

d) Festa permanente: a imagem do Céu como uma festa e naturalmente com cantos e danças. Portanto, viver no Céu é viver o louvor e na exultação para sempre. Mas é uma festa sem saturação e fastio, sem cansaço, ou o triste fim da festa. Goethe dizia que nada mais tedioso que uma festa que nunca termina. Mas esta é uma festa de perene alegria.¹⁷

¹⁶ Cf. Boff, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 80-81. Cita Santo Agostinho, no seu comentário ao Salmo 127,9.

¹⁷ Cf. Boff, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 86.

e) Paz e descanso eternos: o shabbat definitivo prometido no AT. O Céu é o dia do descanso sem fim, no eterno repouso do coração humano na presença do amor de Deus quando não haverá mais tribulações.

Na Bíblia, o céu é a morada de Deus. Ele age na terra, a partir do céu, onde seu nome é santificado, sua vontade é realizada e seu Reino é preparado. Por mais estranho que possa parecer, é preciso assumir o conceito de céu como o meio ambiente que está mais próximo de Deus e lhe corresponde totalmente. O céu, porém, não tem natureza divina, ele é uma parte do mundo criado que deve ser diferenciada do mundo visível. É através dessa diferenciação que o mundo visível pode ser compreendido como criação, a qual existe a partir de Deus.

O céu não é um lugar nem está num lugar. É inevitável representar o Céu sendo um lugar que está acima de nós. Na vida podemos determinar a continuidade fundamental ou a ruptura radical, pois aqui vivemos na sombra da fé e no Céu vivemos na visão. O Céu cosmológico chamado na Bíblia de “firmamento” não é o Céu da fé, mas apenas símbolo. O Céu teológico é morada de Deus. Segundo as Escrituras o céu é o símbolo da esfera divina ou da transcendência de Deus. O Céu representa a esfera de Deus. O Céu antes de ser um desejo humano, é oferta gratuita de Deus. Mais que seres esperantes, somos seres esperados. O Pai quer compartilhar com seus filhos seu céu, sua morada.¹⁸

Chamamos de céu aquele estado de harmonia perfeita da criatura com seu Criador. Não é um lugar, mas um estado onde estaremos face a face com o Deus que Jesus nos revelou. Será o nosso lar, para lá caminhamos a cada dia, pois na terra somos apenas peregrinos. Estamos a caminho da Casa do Pai. No céu estaremos em comunhão com Maria, os santos e os anjos. Como será e sobre os detalhes dessa vida eterna nada podemos afirmar, porque é uma surpresa muito grande. Assim como uma criança no ventre da mãe nem imagina o quanto é bela a vida fora do ventre, nós nem imaginamos como será bela a vida em Deus.

O purgatório: fogo purificador

A fé no purgatório não está na Bíblia, mas surge a partir da mensagem geral da Bíblia. Nesta fala-se da prova de fogo, porque o fogo há de comprovar a obra de cada um. No texto de Cor 3, 12-15 lemos que o ouro é provado no fogo.

Aqueles que, durante a vida, não conseguiram viver o amor gratuito para com os outros e se fecharam, mas mesmo assim têm vontade de seguir o *caminho* de Jesus, de viver com ele, podem ser purificados. O purgatório não é um lugar, mas um estado que a pessoa, depois da morte, muda sua forma de pensar e de agir. A ideia do fogo purificador constitui um duplo sentido para quem passa pelo processo. Está no plano da memória, a dor da consciência e do arrependimento. E no plano da esperança na ânsia de ver a Deus para receber o abraço eterno de Deus.¹⁹

¹⁸ Cf. Boff, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 74-75.

¹⁹ Cf. Boff, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 67.

O purgatório é uma mistura de dor e felicidade, causados pelo amor de Deus que purifica para sanar nossa falta de amor. É um processo terapêutico. São Bernardino de Sena pretende mudar as expressões: de penas do purgatório prefere chamar das alegrias do purgatório. As almas no purgatório estão numa situação melhor e mais feliz que nós. Santa Catarina de Gênova diz que o purgatório é o céu em forma de braseiro. Segundo ela, a alma entra no purgatório com os olhos deslumbrados pela imagem de Jesus vista no juízo particular. Esta visão acompanha a alma que mergulha no fogo do purgatório amparada pela visão de Jesus e resiste a tudo. A alma percebe o quanto é indigna do amor de Deus e aceita o purgatório como forma de ser mais digna do amor de Deus.²⁰

A doutrina do purgatório exige dois princípios: a santidade de Deus e a responsabilidade humana. O encontro com Deus santo exige uma santidade de amor. Isso diante da responsabilidade humana por seus atos. A pessoa é respeitada na sua liberdade de escolha. Ademais, a morte pode surpreender alguém sem a maturidade para um amor puro. O que nos salva é a graça de Deus. A morte não é barreira para quem ama. Purgatório não é condenação, mas uma experiência transformadora que purifica e renova o ser para fazer brilhar sua imagem mais bela. É a chance de a experiência humana colaborar na salvação.

O fogo que queima e salva é o próprio Cristo, o Juiz e Salvador. O encontro com Ele é o ato decisivo do Juízo. Ante o seu olhar, desaparece toda a falsidade. É o encontro com Ele que, queimando-nos, nos transforma e liberta para nos tornar verdadeiramente nós mesmos. As coisas edificadas durante a vida podem então revelar-se palha seca, pura fanfarronice e desmoralizar-se. Porém, na dor deste encontro, em que o impuro e o nocivo do nosso ser se tornam evidentes, está a salvação. O seu olhar, o toque do seu coração cura-nos através de uma transformação certamente dolorosa « como pelo fogo ». Contudo, é uma dor feliz, em que o poder santo do seu amor nos penetra como chama, consentindo-nos no final sermos totalmente nós mesmos e, por isso mesmo totalmente de Deus.

Deste modo, torna-se evidente também a compenetração entre justiça e graça: o nosso modo de viver não é irrelevante, mas a nossa sujeira não nos mancha para sempre, se ao menos continuamos inclinados para Cristo, para a verdade e para o amor. A dor do amor torna-se a nossa salvação e a nossa alegria. É claro que a « duração » deste queimar que transforma não a podemos calcular com as medidas de cronometragem deste mundo. O « momento » transformador deste encontro escapa à cronometragem terrena: é tempo do coração, tempo da « passagem » à comunhão com Deus. Apesar de tudo, a graça permite-nos a todos nós esperar e caminhar cheios de confiança ao encontro do Juiz que conhecemos como nosso « advogado », *parakletos* (cf. *1 Jo 2,1*).

O inferno: a autoexclusão do amor de Deus

Fundamentação Bíblica

²⁰ Cf. Boff, Clodovis. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*, pg. 67. Cita São Bernardino de Sena e o tratado do purgatório de Santa Catarina de Gênova.

As imagens com que a Sagrada Escritura nos apresenta o inferno devem ser interpretadas de maneira correta. Elas indicam a completa frustração e vazio de uma vida sem Deus. O inferno está a indicar, mais do que um lugar, a situação em que se vai encontrar quem de maneira livre e definitiva se afasta de Deus, fonte de vida e de alegria.

(Mt 25, 41-43)

(Mc 9, 43-48)

Algumas imagens bíblicas para falar do inferno²¹:

a) fogo inextinguível: Jesus refere-se a *Geena* como símbolo da maldição eterna. *Geena* era a lixeira da cidade de Jerusalém. Podemos dizer que o inferno está no condenado e não que os condenados estejam no inferno.

b) abismo:

c) choro e ranger de dentes:

d) verme que não morre: imagem do remorso que corrói e nunca a pessoa fica em paz.

e) segunda morte: a morte teológica, como morte absoluta para Deus.

Na história da Igreja, estuda-se que nos séculos XIV a XVIII, vigorou na Igreja uma pastoral do medo, apresentando o inferno com todos os seus horrores, de fornalha de fogo, diabinhos torturando os condenados e mais imagens de horror de sofrimentos.²² Assim como o Céu, o inferno não é um lugar, mas uma situação. É o mundo dos egoístas, dos que só viveram para si mesmos e que são condenados a viverem para sempre assim, na solidão do seu Eu. O inferno seria a confirmação eterna de seu egoísmo. “O inferno é o tormento de um desejo nunca aplacado, porque o condenado, em vez de desejar a Deus, que poderia satisfazê-lo, deseja-se a si mesmo – daí a frustração inevitável”. A essência do inferno é não poder mais amar e ser amado. O inferno é a frustração da vocação humana que é comunhão com Deus no amor. Mestre Eckhart diz: “Se o inferno existe, lá está um só habitante: o ego”.²³

Essa trágica possibilidade é posta pela liberdade humana, que nos habilita a dizer “não” ao Criador e de rejeitar o seu amor infinito. Enquanto se fecha, o coração humano já vai criando o seu inferno. É como ir assentando tijolos da sua própria prisão. As chamadas trevas do inferno não ocorrem porque Deus retirou a sua luz beatífica, mas porque os que se condenam como que furaram seus olhos e não veem mais a luz de Deus. Ou como podemos dizer, o sol do amor de Deus continua iluminando, mas os que se afastam de Deus criam uma nuvem que impede de verem o sol da luz de Deus.²⁴

Deus é Pai infinitamente bom e misericordioso. Mas o homem, chamado a responder-Lhe na liberdade, pode infelizmente optar por rejeitar de maneira definitiva o Seu amor e o Seu perdão, subtraindo-se assim, para sempre, à alegre comunhão com Ele. Precisamente esta trágica situação é apontada pela doutrina cristã, quando fala de perdição ou inferno. Não se trata de um castigo de Deus infligido a partir do exterior, mas do desenvolvimento de

²¹ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 97.

²² Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 91.

²³ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 91-92.

²⁴ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 93.

premissas já postas pelo homem nesta vida. Em sentido teológico, o inferno é a última consequência do próprio pecado, que se vira contra quem o cometeu. É a situação em que definitivamente se coloca quem rejeita a misericórdia do Pai, também no último instante da sua vida.²⁵

Assim resume os dados da fé sobre este tema o *Catecismo da Igreja Católica*: «Morrer em pecado mortal sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus é a mesma coisa que morrer separado d'Ele para sempre, por livre escolha própria. E é este estado de auto-exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa pela palavra "Inferno"» (n. 1033).

Em sentido teológico, contudo, o inferno é outra coisa: é a última consequência do próprio pecado, que se vira contra quem o cometeu. É a situação em que definitivamente se coloca quem rejeita a misericórdia do Pai, também no último instante da sua vida.

A «perdição» não deve, por isso, ser atribuída à iniciativa de Deus, pois no Seu amor misericordioso Ele não pode querer senão a salvação dos seres por Ele criados. Na realidade, é a criatura que se fecha ao Seu amor. A «perdição» consiste precisamente no definitivo afastamento de Deus, livremente escolhido pelo homem e confirmado com a morte que sela para sempre aquela opção. A sentença de Deus ratifica este estado.²⁶

Os condenados queimam eternamente o fogo de sua própria cólera, de seu orgulho satânico. Mesmo que Deus quisesse tirá-los de lá, eles recusariam. Assim os condenados são vítimas e réus de si mesmos. As chamadas “trevas do inferno” não existem porque Deus privou os condenados de sua luz beatífica, mas porque eles mesmos furaram os olhos para não verem a Deus. A trindade que nos criou livres leva a sério a nossa liberdade. Negar o inferno é desresponsabilizar o ser humano de suas decisões.²⁷

Deus é Pai infinitamente bom e misericordioso. Mas o homem, chamado a responder-Lhe na liberdade, pode infelizmente optar por rejeitar de maneira definitiva o Seu amor e o Seu perdão, subtraindo-se assim, para sempre, à alegre comunhão com Ele. Precisamente esta trágica situação é apontada pela doutrina cristã, quando fala de perdição ou inferno. Não se trata de um castigo de Deus infligido a partir do exterior, mas do desenvolvimento de premissas já postas pelo homem nesta vida.²⁸

O Evangelho nos revela que Deus criou tudo para a salvação e não quer que nada se perca. O inferno, no entanto, não foi criado por Deus, mas pela decisão das criaturas (humanas e angelicais) livres e inteligentes, que decidem ser diabólicos. A “possibilidade” de uma condenação eterna revela a grandeza de nossa liberdade, a dignidade e a seriedade das nossas escolhas. A criatura humana é ser livre pois o amor só pode ser experimentado na liberdade.

²⁵ Audiência papa João Paulo II, 28 de julho de 1999. O inferno como rejeição definitiva de Deus, n. 1

²⁶ Audiência papa João Paulo II, 28 de julho de 1999. O inferno como rejeição definitiva de Deus.

²⁷ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 93-94.

²⁸ Audiência papa João Paulo II, 28 de julho de 1999. O inferno como rejeição definitiva de Deus.

O inferno deve permanecer como a séria possibilidade de recusarmos livremente e definitivamente o amor de Deus, rejeitando a comunhão trinitária.

Por mais difícil que seja pensar que Deus permite a frustração eterna da criatura, seria otimismo cego amenizar o peso e o significado das opções de morte que invade estruturas, ideologias e também as pessoas. Sem desejar e nem julgar quem está ou vai ao inferno, é preciso manter, com a tradição bíblica e apostólica, a possibilidade de uma condenação eterna. Aqueles que se fecharam totalmente ao amor de Deus escolheram livremente ficar longe do amor Trinitário. Deus não condena ninguém ao inferno. São as pessoas que esfriaram o coração com o apego exagerado aos bens, seus instintos egoístas, sua ânsia pelo poder e, principalmente, sua insensibilidade ao próximo. Quem viveu assim, não consegue entender a dinâmica do Céu, que é espaço de comunhão plena entre todos.

A Igreja, contudo, nunca afirmou quem esteja no inferno. Esse é um mistério muito grande. Mas igualmente é difícil pensar que não existe essa possibilidade de condenação eterna. Diante das maldades e violências é difícil pensar que todos escolheram o caminho de Deus. Aqui é preciso ser bem realista: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor! Senhor!’, entrará no Reino dos Céus, mas só aquele que põe em prática a vontade de meu Pai” (Mt 7,21).

O inferno é para sempre?

A questão de fundo é a percepção de que a limitação da escolha humana, de liberdade limitada, posso produzir uma pena eterna. Como o ser humano tão miserável em suas escolhas pode avaliar seus atos para ser condenado para sempre. Outra objeção a eternidade do inferno refere-se aos condenados que não querem mais sair do inferno mesmo percebendo a bondade de Deus. As duas propostas existentes trabalham com a afirmação da pena eterna ou da redenção universal no fim dos tempos, chamada *apocatástasis* (restauração universal). Orígenes (254d.C.) levantam a hipótese teológica da redenção universal do diabo e de todos os condenados. Essa ideia está presente em At 3,21: “Jesus, a quem o céu deve acolher até os tempos da restauração de tudo, do qual Deus falou, em tempos passados, pela boca dos seus santos profetas.” Santo Agostinho, Tomás de Aquino, defendem a eternidade do inferno. A Sagrada Escritura afirma a existência do fogo eterno.²⁹

Resumo em três frases³⁰:

- a) o inferno existe: a condenação eterna é uma possibilidade real. É preciso levar a sério a liberdade e responsabilidade humana pelas suas decisões.
- b) não sei se está vazio: temos que admitir nossa ignorância sobre esse assunto. Apenas Deus sabe e é juiz da situação. Não cabe ao ser humano decidir.
- c) espero que sim: podemos esperar na misericórdia de Deus que salve a todos e que realmente não existe ninguém no inferno.

3 A escatologia da história e do mundo

²⁹ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 100-101.

³⁰ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 105-106.

O advento de Cristo no final dos tempos há de transformar o cosmos e a história. Na dimensão histórica a *parusia* deverá levar à plenitude todas as expectativas dos seres humanos. Com esse evento será uma continuidade/descontinua com a atual realidade. O evento da *parusia* traz consigo uma transfiguração profunda na existência e uma série de acontecimento escatológicos que vamos conhecer. O evento atinge tanto a dimensão pessoal quanto coletiva. Outro aspecto que aguarda ser resolvido refere-se ao último inimigo: a morte. Enquanto ela não for derrotada é difícil falar de ressurreição dos mortos. Estes aguardam a aniquilação da morte. Decorrente da ressurreição final será o juízo universal que fará reinar a justiça de Deus sobre a terra. Com o juízo será possível avaliar os grandes instrumentos de opressão e violência ao longo dos séculos.

A Parusia

O vocábulo grego *parousia* (de *páreimi*: estar presente, estar aí, chegar) é originalmente referido tanto para a descida ou manifestação de pessoas divinas na terra (por ocasião de uma festa religiosa ou por uma intervenção milagrosa), quanto para as visitas que reis e príncipes fazem às cidades submetidas ao seus impérios. O sentido principal do termo, conforme a cultura grega, é de visita, chegada, advento de um soberano ou de uma divindade. E serve tanto para ser empregado como conceito político, quanto religioso. O que sempre se destaca para a *parousia* é o seu caráter triunfal e glorioso. Trata-se de uma manifestação em poder e glória que tem um acento explicitamente jubiloso e festivo.

Refere-se ao advento glorioso de Cristo no final dos tempos, citado nos sinóticos, no *corpus paulino*, no joanino e nas cartas pastorais³¹. Geralmente a expressão *parusia* está ligada à idéia de fim do mundo e ao juízo final. O texto da primeira Carta aos Tessalonicenses (4,13-18), por exemplo, utiliza traços apocalípticos judaicos para descrever o evento: a voz do arcanjo, o toque da trombeta, as nuvens, a ressurreição dos mortos. Conclui-se, então, que os textos neotestamentários integram inseparavelmente a *parusia* e os outros elementos do *éschaton*: a vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a nova criação.³²

O pronunciamento final de Jesus será: “*Eis que eu renovo todas as coisas*”. O juízo final, por isso, é passageiro. Definitiva é a nova criação, que será inaugurada com o julgamento. Por isso toda esperança no juízo deve suscitar alegria da libertação, porque a justiça triunfará. Aplica-se aqui a expressão popular diante de tantas situações injustas: “ A justiça de Deus tarda, mas não falha”.

A imagem de Cristo juiz do mundo não estimulou a esperança na *parusia*, pelo contrário. Na medida em que se associou a *parusia* ao juízo final, obscureceu-se o sentido do julgamento que reside unicamente na vitória da justiça de Deus que há de tornar-se a base da nova criação. Daí a necessidade de exorcizar o pânico e o medo do julgamento, para que renasça o desejo de uma feliz realização da obra de Cristo. O motivo dessa esperança é o próprio Jesus Cristo que a si mesmo se entregou pelos pecadores e sofreu as dores e as enfermidades

³¹ Há, no entanto, uma exceção: em 2 Ts 2,9 a expressão *parusia* não significa o advento de Cristo, mas a “vinda do ímpio” que é instrumento para a ação de Satanás.

³² Apostila curso de escatologia, faculdade de teologia PUCRS.

humanas. Ele é esperado como juiz. O Crucificado julgará mediante o Evangelho da justiça de Deus e não segundo uma lei estranha.

Juízo final

Fundamentação Bíblica:

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: quando vier o Filho do homem em sua glória, acompanhado de seus anjos, então se assentará em seu trono glorioso. Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará um dos outros, assim como o pastor separara as ovelhas dos cabritos (Mt 25, 31-46).

A parábola do juízo em Mateus 25 é o lugar clássico no qual se afirma a objetividade do juízo, nos critérios de Jesus de Nazaré e sua prática de amor a Deus e aos irmãos. Supor que no final tudo será zerado, sem respeitar a opção daqueles que negam o projeto de Deus, é esvaziar a justiça divina. Ainda que ninguém seja condenado, resta a possibilidade de condenação como opção livre e consciente para cada criatura humana. O conteúdo do julgamento é a história real, pois é nessa mesma história empírica que esteve em jogo a relação com o Ressuscitado e, por isso, com Deus. O veredicto do julgamento não é arbitrário, não é imprevisto; mas é conforme o Evangelho do Cristo na sua condição de Messias-Servo.

No Credo professa-se a vinda de Cristo que “há de vir julgar os vivos e os mortos”. A profissão de fé afirma que na vinda de Jesus haverá aqueles que estão falecidos, mas aqueles que estarão vivos no juízo conforme 2 Tm 4,1: “Diante de Deus e do Cristo Jesus que vai julgar os vivos e os mortos” e Ts 4, 15-17: “nós, os vivos os que ficarmos em vida até a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que tiverem morrido. Pois o Senhor mesmo, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descerá do Céu. E então ressuscitará, em primeiro lugar, os que tiverem morrido em Cristo, depois, nós, os vivos, que ainda estivermos em vida, seremos arrebatados, junto com eles, sobre as nuvens, ao encontro do Senhor, nos ares”.

Pode-se fazer uma ligação entre a visão do livro de Daniel (Dn 7,9-14) com o apocalipse (Ap 20,11-12), o Antigo Testamento que partilham a concepção do juízo de Deus. O Antigo Testamento Javé cumpre a justiça em Israel mediante sua aliança. Ele julga os povos no “dia de Javé” que deve acontecer nos “últimos tempos” (Is 2,2 e Mq 4,1). O resultado será o grande reino da paz. Os profetas anunciaram este juízo afirmando seu início no próprio Israel. Javé também julgará o Israel oprimido e condenará seus inimigos que triunfam. Desta esperança nascem os salmos da vingança, que expressam a necessidade da reparação da injustiça que Israel padece por amor ao nome de Deus.

No Novo Testamento encontramos textos referentes ao dia final do Senhor, do julgamento de Deus. Jesus refere a hora da colheita final, da ceifa final. Por exemplo, Mt 13,24-30, Jesus deixa o joio e o trigo crescerem juntos até o dia da colheita que separará o joio do trigo. “No dia da colheita, direi aos que cortam o trigo: retirai primeiro o joio e amarrai-o em feixes para ser queimado! O trigo, porém, guardai-o no meu celeiro” (Mt 13, 30). Outras imagens bíblicas referem-se ao juízo de Deus no fim dos tempos, como Mt 13, 47-48, a rede cheia de peixes; a prestação de contas com o patrão segundo Lc 16,1-8; No livro do Apocalipse (Ap 16,14-16)

prepara para o grande dia do Deus todo-poderoso. Nesta passagem acontece o último combate num lugar chamado *Harmagedon*³³.

Por que é necessário um juízo universal?

Podemos destacar três motivos para o juízo universal³⁴: O juízo universal é necessário para tornar público, diante de todo o mundo, o veredito do julgamento particular. É uma consequência profunda da solidariedade que une todos os seres humanos. É uma questão de solidariedade com toda a humanidade. O juízo universal é necessário para repor em julgamento as consequências que nossos atos tiveram na história ulterior à nossa vida. É necessário também para dar sentido pleno à história como um todo e a cada ato particular no seu contexto total, agora que seu processo foi cabalmente concluído. Sem o juízo final, a história do mundo permaneceria caótica. Com o juízo, o mistério do mal será adequadamente esclarecido e a providência divina completamente justificada. A vida escondida junto de Deus e desenvolvida pelo Espírito ao longo da história irromperá e transbordará sobre todo o ser, inclusive a corporeidade.

A ideia de uma humanidade solidária, mas que com todas as desavenças requer e espera uma realização definitiva. Essa solidariedade universal para ser verdadeira deverá abranger toda a humanidade, envolvendo toda a criação de Deus.

³³ Esse local está no deserto de Negeb, local de muitas batalhas entre os exércitos e que serve de inspiração para uma grande batalha entre o bem e o mal.

³⁴ Cf. BOFF, Clodovis. Escatologia: breve tratado teológico-pastoral, pg. 126-127.